

Incêndio foi perto da Praia da Farofa

Fogo ameaça acampamento em Aruanã

Bombeiros se feriram enquanto lutavam para conter o fogo porque não usavam roupas adequadas. Morador tentou apagar as chamas com baldes d'água

PATRICIA PAPINI

de Aruanã

Cerca de 6 mil metros quadrados de vegetação ribeirinha foram queimados na noite de segunda-feira, em área próxima a uma reserva indígena dos carajás, às margens do Rio Araguaia, no Mato Grosso. Acionados por um barqueiro, 13 homens do Corpo de Bombeiros foram para o local no final da tarde e somente conseguiram controlar o fogo por volta das 22 horas. Segundo eles, por muito pouco as labaredas de cerca de 3 metros de altura não atingiam a vegetação mais alta que faz cenário de fundo para as belas praias de Aruanã.

"Se o fogo alcançasse a mata, perderíamos o controle da situação. A sorte é que a área atingida era formada por aquele capim mais baixo e seco, o que nos permitiu agir com rapidez", comentou o capitão Luiz Renato Lopes. A área atingida pelo fogo fica a poucos metros da Praia da Farofa, onde dezenas de ranchos e acampamentos feitos de palhoça estão instalados. "Se a queimada chegasse até ali o estrago seria muito grande", avaliou Luiz Lopes.

Segundo o capitão, ao serem informados do incidente, os agentes não tiveram tempo de se preparar



adequadamente para lutar contra o fogo. "Fomos de chinelo e sem roupas próprias porque era uma corrida contra o tempo em plena noite", comentou, acrescentando que, como resultado, vários bombeiros sofreram ferimentos.

Para conter o fogo, foram providos abafadores de galhos secos. A origem do fogo que provocou a devastação no local ainda não foi descoberta. O primeiro a tomar conhecimento do fato foi o taxista Pedro Bernardes de Assunção, que tem um casebre localizado a menos de 5 metros da área queimada. "Quando percebi, as labaredas estavam altas e, como estava sozinho era de noite, não pensei em procurar os bombeiros. Tive a tola idéia de conter o fogo com baldinhos de água", comentou ontem, expondo a testa repleta de ferimentos e queimaduras.



Crianças da aldeia, localizada às margens do Araguaia e encravada no centro urbano de Aruanã, não falam fluentemente a língua nativa da tribo

Carajá perdem cultura junto aos turistas

Durante muitos anos, para prevenir eventuais doenças e fortalecer o organismo, os índios da tribo carajá promoviam, sistematicamente, as tradicionais sangrias, que consistiam em cortes feitos na batata da perna com dente de cachorra (tipo de peixe). Para garantir melhor resultado, os nativos "ofendiam" ainda mais o ferimento, besuntando-o com pimenta de macaco, que provocava uma dor terrível e, por outro lado, segundo a crença, limpava o corpo, tornando-o mais leve e sadio, forte e protegido contra qualquer enfermidade.

Essa tradição foi repassada às gerações seguintes, mas, hoje, qualquer indiozinho da aldeia carajá,

em Aruanã, que se sentir meio fraco ou adoentado só conhece uma maneira de atacar o mal-estar: correr para a farmácia à procura de remédios. "Nem raizada o pessoal aqui usa mais. Acabou tudo, as lendas, as tradições. Nossa cultura está indo embora e nossos filhos nos culparão por isso porque estão crescendo sem sua identidade indígena", lamenta o presidente da Associação da Aldeia Carajá de Aruanã (AACA), Raul Hawacati.

Bastante afetada pela intensa influência externa, a cultura da aldeia carajá às margens do Rio Araguaia é considerada, atualmente, pela Fundação Nacional do Índio (Funai), como a mais lesada de todo o País.

"Somos a menor reserva indígena do Brasil. Além de nós, só existem carajás na Ilha do Bananal, no Tocantins, e eles estão sendo igualmente dizimados", comenta Raul.

Na aldeia carajá de Aruanã, nenhuma criança fala a língua nativa fluentemente. Além disso, as tradicionais peças de artesanato, com as quais durante muito tempo os índios fizeram seu sustento, perderam espaço para "bicos" em fazendas próximas ou no comércio da cidade, para a prestação de serviços a baixo custo. Dos 410 índios que se instalaram no século passado em Aruanã, apenas 73 restaram e, desses, boa parte é mestiça. "Hoje em dia só

misturado com branco e etc. Com isso, vamos perdendo toda a nossa história, mas nossa luta tem sido no sentido de segurar com todas as forças o pouco que resta de nossa cultura", afirma Raul.

Para não deixar a tradição carajá se diluir no tempo, a AACA tem desenvolvido, em parceria com a Funai e a UFG, o Projeto de Educação Indígena Maurehi, nome dado em homenagem ao último cacique da aldeia. Pelo projeto, os índios mais novos estão reaprendendo a fazer o artesanato como antigamente, sem forno nem olarias. As famosas cestas de palhoça também estão voltando a ser trançadas nas mãos, como no início, e não por agulhas.

Escola bilingüe e biblioteca

Também dentro do projeto de resgate da cultura carajá foram construídas a escola bilingüe e uma biblioteca dentro da reserva, para repassar às gerações mais novas os conhecimentos relativos à língua nativa. "Quase todos os livros da biblioteca, por exemplo, foram e permanecerão escritos no idioma carajá, para forçar as crianças a dominar essa língua. E, nos livros, são contadas as mais famosas lendas da tribo", afirma o presidente da AACA.

Ainda como parte desse trabalho, Raul Hawacati tem se submetido a diversos cursos na área de museologia, para aprender a catalogar peças e organizar um museu no qual serão expostas as mais antigas fotos, peças, pinturas e instrumentos da aldeia. "Até o momento, temos contado demais com o apoio de antropólogos e especialistas de lingüística, mas percebemos que ainda falta um pouco de conscientização da população em geral com relação à importância da preservação da nossa cultura. Somos índios, temos histórias para contar, lendas belíssimas, crenças e modos de vida diferentes. Queremos que isso fique vivo na memória da nossa sociedade, caso contrário, é como se não tivéssemos existido", lamenta.